

Brusellas, 2 de Junho de 1902

7, rue Zimmer

Meu bom Antonio Salles

Recibi ha uns quinze dias o seu
livro de versos e so' agora comecei
a lê-lo. Estou n'um dos meus dias
de preguiça maxima e lbe escrevo
depois de horas de trabalho me-
canario, enquanto foira o ceu esta
mais azul do que este papel e
agita-me a cortina uma brisa
de tarde de verao. Entretanto nao
quero passar da pagina 33 para
lbe dizer o prazer com que leis
os seus versos, que ja' agora lerei
o livro até ao fim. Imagine ~~pois~~
que fui marcando as passagens que
me interessam pela forma ou pelo
sentimento e em tão poucas paginas

já temo a "Barra a fora", "De tarde",
"Sertão", "Tarde triste" e esse favor de ternura
e de graça que é "A Elsa". Você não
acha muito para um livro de ver-
sos velhos? Eu acho imensos...

Talvez seja porque V. tem a sym-
pathia, seu Salles... Você é simples
e bom e sincero, e a piedade e a
ternura do seu coração animam
as suas paginas, ritmadas e desviam
o espirito critico. Ou você traduz os
meus sonhos de sertanejo (tambem tem
sonhos de sertanejo, sim!) e quando
leio os tres grandes versinhos do soneto
da pagina 40 a belleza da imagem
e a largueza da visão vencem e fa-
zem esquecer a vulgaridade da pri-
meira quadra.

Sobre as duzentas paginas da "edição
definitiva" das suas poesias poderia eu

escrever igual numero de paginas de um
ensaio sobre o lyrismo brasileiro, que é
o meu. É provavel que soubesse tão
baldueado e interjectivo que não pas-
sasse coisa alguma. Mas para que
serve provar, amigo Salles que sabe
cantar?

Nesta semana que passou estive
tres dias em Berlim e Potsdam e em
Antuerpia. Andei vendo museus de
pintura e palacios historicos, re-
stendo o passado. Pois, não sei se era
pelo calor que fazia e a claridade
do sol, não trazia commigo o pen-
samento e sim pelas nossas desgra-
çadas plagas brasileiras. O verissi-
mo bem pensa que quando eu lá me
fixar definitivamente sera' da mi-
nha vida errante que sentirei a no-
stalgia. Mas assim sou feito que para
ir gostamente para o céu seria necessa-

ris que me suprimissem a memoria
da vida terrestre, isto e', um bocado da
minha alma melhor. Esta dispersão
da contemplação pela distancia e pelo
passado são a minha sensação da poe-
sia e por ella ando aferindo os ar-
tistas que se dizem humanos. Nos in-
glezes a gente encontra essa ^{jaquelle} ~~forma~~ abec-
ta sobre o largo mundo. No Ego de
Luisroz tambem a saudade que me
faz o prefacio do Fradique...

Sen Salles, isto e' carta de enversa
desconida para lhe dizer que vou man-
dar encadernar o seu livro como me
rece, marroquin azul, com muito ouro
no lombo.

Escrevo-lhe para o Garnier para
onde ja' dirigi' uma carta ha mezes,
sobre o seu artigo n'um jornal do
Norte a proposito das minhas historias.
Um grande abraço do seu amigo
Domicio da Jaina 